

**A ESCOLA MÉDICA DE ANGOLA DE 1791 E A SUA PARTICIPAÇÃO  
NA HISTÓRIA GLOBAL: DIFUSÃO DE SABERES AFRICANOS NO ÚLTIMO  
QUARTEL DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO XIX.**

Fernanda Ribeiro Rocha Fagundes,

Doutoranda do PPGHCS/COC/ FIOCRUZ - RJ,

[fernanda.fagundes2014@yahoo.com](mailto:fernanda.fagundes2014@yahoo.com)

**RESUMO: A ESCOLA MÉDICA DE ANGOLA DE 1791 E A SUA  
PARTICIPAÇÃO NA HISTÓRIA GLOBAL: DIFUSÃO DE SABERES  
AFRICANOS NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO XIX.**

Fernanda Ribeiro Rocha Fagundes,

Doutoranda do PPGHCS/COC/ FIOCRUZ RJ,

[fernanda.fagundes2014@yahoo.com](mailto:fernanda.fagundes2014@yahoo.com)

A Escola Médica de Angola de 1791 fez parte do projeto da Rede de Informações do Império Ultramarino Português. Conforme Ângela Domingues, na conjuntura da Ilustração, ao final do século XVIII, funcionários do ultramar como físicos-mores, viajantes naturalistas, governadores, secretários de Estado e até mesmo traficantes de escravos foram remetidos para as longínquas possessões ultramarinas de impérios modernos, como o português, com o intuito de alimentar uma rede de informações úteis, da qual esses Estados obtinham informações preciosas em regiões onde ocorriam o contato entre diversas culturas. Nessas áreas, foram obtidas informações políticas, econômicas e culturais por meio das redes de sociabilidades instaladas. No conjunto dessas informações, foram valorizados os saberes médicos e diversos saberes relacionados à História Natural, que de certa maneira valorizaram os saberes de cura africana, que puderam se difundir nas redes escravistas e circularem entre a África, Portugal, Brasil e diversos países da Europa, conforme a Nova História das Ciências Global e Transcontinental.

**PALAVRAS - CHAVE:** África, circulação e saberes.

A Escola Médica de 1791 está inserida na rede de informações do Império Ultramarino Português. Os funcionários a serviço do Estado atuaram como intermediários entre as culturas, permitindo a formação de conhecimento novo fora da Europa. Dentre eles destacaram-se o viajante cientista Joaquim José da Silva e o físico-mor e professor José Pinto de Azeredo, que prospectaram conhecimentos de cura de grande utilidade, reelaborando-os e fazendo-os circular, sobretudo, nas redes escravistas.

Contida no projeto de rede de informações do Império ultramarino português a Primeira Escola Médica de Angola de 1791 contribuiu para alimentar a referida rede e produzir ciência em Angola conforme a realidade daquele momento. A Escola Médica de 1791 reelaborava conhecimentos científicos, produzia novos saberes conforme o impacto desses conhecimentos com os saberes locais. E por estar em uma região escravista, muitos desses saberes difundiram-se por meio das rotas de comércio de cativos africanos. Os saberes africanos foram, de certo modo, valorizados por constarem no conjunto de saberes úteis pelo Projeto de Rede de Informações do Império Ultramarino Português. Na segunda metade do século XVIII o conhecimento científico foi renovado por meio de indivíduos e instituições. Os Estados Modernos financiaram cientistas, diversos profissionais como médicos, cartógrafos, astrônomos, altos funcionários administrativos. Esses agentes sociais por sua vez criaram Colégios, Escolas Médicas, Academias militares, Jardins botânicos, Associações científicas, das quais eram requisitados estudos de História Natural. O Império ultramarino português e outros Estados modernos financiaram viagens científicas para o Brasil, África e Ásia. Na ocasião, foram abertas prioridades com diretrizes científicas para áreas geográficas, para a recepção e gestão de informação de várias regiões do ultramar. Todo esse conjunto de dados era destinado à Secretaria de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos. Esses agentes sociais espalhados pelo ultramar português sustentaram uma rede de informações, através da qual o Estado português poderia conhecer os seus domínios, potencialidades econômicas, limites físicos, áreas administrativas em diversas

regiões como na Europa, na América, na Ásia e na África. Essas informações, vinham de diferentes pontos do império em função de critérios científicos, muitas vezes sistematizados sob a forma de memórias, participação de viagens científicas e diversos documentos emitidos por governadores, administradores e intendentess. Os cientistas produziam discursos administrativos e os diversos funcionários sistematizavam as informações de natureza científica (DOMINGUES, 2001, p. 824 e 825).

Em consonância com a ideia de rede de informações, pode-se afirmar que a Ilustração portuguesa que atingiu a prática médica, por meio das reformas da Universidade de Coimbra, gestadas pelo marques de Pombal, no último quarteto do século XVIII, permitiu que o conhecimento científico estivesse em sintonia com a política administrativa, muito dos profissionais enviados para o ultramar, sobretudo, físicos e cientistas naturalistas, entraram em contato com informações médicas do período. Funcionários e viajantes sistematizavam informações de população, de riquezas naturais de aspecto pragmático, que incluíam a questão da saúde voltada para os escravos e a grande parte da população, que era atingida por enfermidades. Daí a necessidade de conhecer a realidade das possessões ultramarinas e as condições de vida dos habitantes. Verifica-se então, obras importantes no caso da América portuguesa, como a de Ribeiro Sanches, *“Tratado da conservação da Saúde dos Povos”* de 1755, que fazia referências às doenças nas regiões da África, da Índia e da América. Não eram apenas físicos-mores que se referiam a matéria médica, viajantes naturalistas como Alexandre Rodrigues Ferreira, o Frei Veloso, que traduzia obras para reduzir as doenças dos escravos, José Vieira de Carvalho que traduzia as obras de Dazzile, como *“Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos e meios de prevenir”* se esforçavam para sistematizar informações a cerca da população, riquezas naturais e remessas de fauna e flora (ABREU, 2007, p.770-772 e 774).

O envio de cientistas, viajantes naturalistas entre outros profissionais interligados aos Estados ultramarinos também se estendeu para territórios que correspondem à faixa Congo-Angola, onde se ergueu a primeira Escola Médica de 1791. Nessa região é possível destacar dois importantes personagens o viajante Joaquim José da Silva e o físico-mor e professor da referida Escola, José Pinto de Azeredo. Esses

personagens históricos também esforçaram-se em sistematizar informações relacionadas as riquezas naturais, remessas de fauna e flora e saberes de cura africana.

Para entender como esses agentes sociais, a serviço do Império Ultramarino português conseguiam alimentar a rede de conhecimentos e produzir ciência conforme o último quarteto do século XVIII é necessário entender a perspectiva da História das Ciências Global e Transcontinental.

No bojo da referida análise consta a ideia de intermediação cultural, no último quarteto do século XVIII e início do século XIX, que ocorria apesar do advento do capitalismo e da Revolução Industrial. Ao estudar Calcutá foi possível identificar a ideia de intermediação especializada nela mesma, que pode ser autônoma em um mercado local. Os profissionais podem se apresentar de forma interdependente, sendo unidos por uma administração das possessões ultramarinas. Esses profissionais da expansão imperial, os vários indivíduos e grupos possuíam um papel importante e modelavam as suas carreiras na ciência, providenciando crescimento, manutenção intelectual, social e cultural dos locais onde atuavam e ao mesmo tempo legitimavam as suas carreiras. Os profissionais intermediários entre as culturas acabaram construindo e gerenciando as diferenças culturais. Isto teria promovido “o coração da ciência” no século XIX. Os profissionais intermediários deslocavam-se entre as culturas, ativando e sustentando a expansão europeia, negociando as fronteiras culturais (RAJ, 2009, p. 106 e 107).

Os Médicos, os tradutores, os navegadores, os mercadores e os viajantes executavam uma intermediação cultural especializada nela mesma, que ganhava autonomia em mercados e comunidades. Tais profissões tornavam-se interdependentes unidas à administração imperial. Os portugueses, por exemplo, estabeleceram seu império em locais adversos, recebendo rejeição dos nativos. Porém, através dos profissionais, que se localizavam nessas regiões de encontro de culturas, os portugueses conseguiram estabelecer-se junto aos mercadores e ao resto da população. Eles estabeleceram a sua religião, construíram fortificações ao longo das costas litorâneas, promoveram a interação com os colonos, com o mercado privado e estabeleceram uma política comercial regional com as várias comunidades e autoridades políticas. Tudo isso, se preocupando sempre com a possibilidade de mediação, de profissionais

intermediários na literatura, na técnica, no jurídico e nas habilidades administrativas, o chamado “*go between*”. Assim, entende-se que no mercado de regiões cosmopolitas, como no caso de Calcutá, existia a possibilidade de construção de conhecimento. Esse último é aprendido em comunidades, em diversos mercados como o marítimo. Os papéis dos atores sociais intermediários entre as culturas traziam consigo seus conhecimentos naturais, sociais, políticos, que eram difundidos como mercadoria, que circulavam na rede mercantil asiática e na variabilidade das trocas entre elas. O conhecimento da natureza, as plantas medicinais, as pedras e outras mercadorias circularam por meio de um conhecimento aprendido entre as diversas comunidades locais. O conhecimento permanecia nas mercadorias circulantes e entre elas, sendo transmitido entre os diferentes grupos ao longo da trajetória dos *commodities*. Os saberes eram parte da estratégia de trocas, sendo objeto de negociação e mediação (RAJ, 2009, p.108,110 e 112).

Acredita-se que a mesma análise aplicada à Calcutá pode ser observada na faixa Congo-Angola. Os atores intermediários entre as culturas, que entravam em contato com diversos povos possibilitavam uma mediação, que gerava uma nova forma de conhecimento. Assim como Domingues (2001), Raj (2009) acredita que no início do processo de globalização do mundo moderno o conhecimento intermediário foi a base de membros de diversas comunidades, que negociaram saberes específicos próximos e conectados às suas redes comerciais. Assim como RAJ (2009 p.112) considera Calcutá uma zona de contato entre as culturas, onde emergem novos conhecimentos de geografia, cartografia, história, linguística, etnologia, acredita-se que a faixa Congo-Angola também seja uma zona de contato, com diversos desses profissionais, que interagem com inúmeras outras culturas, com várias estratégias úteis, em uma dinâmica de diferentes formas de intermediação, desenvolvida durante séculos e que permitia a produção de vários conhecimentos.

Dentro desse contexto de intermediação cultural, acredita-se que cientistas naturalistas como Joaquim José da Silva tenha atuado como um profissional “*go between*”.

O Joaquim José da Silva, foi um ator importante no período, porque a sua trajetória interceptava o momento de vigência da 1ª Escola Médica de Angola, erguida entre 1791 e 1797. Como viajante naturalista a serviço de Portugal ajudou a difundir saberes africanos, e que inclusive estavam nos escritos do primeiro professor da referida escola médica.

Joaquim José da Silva cursava matemática na Universidade de Coimbra, nessa universidade ele também foi atendido pelo curso de medicina, graduando-se em 1778. Trabalhou no curto período de tempo nos Jardins do Palácio da Ajuda. Fez viagens ao Ribatejo, trabalhou com outros naturalistas sob a supervisão de Júlio Mattiazi e Domingos Vandelli. Os acompanhantes de Silva até Angola foram Ângelo Donatti, artista e naturalista que preparou aquarelas de plantas tropicais europeizadas e que havia sido assistente nos Jardins do Palácio da Ajuda (SIMON, 1983, p. 81) também participava da equipe, o riscador José Antônio (RODRIGUES, 2016, p.339). Silva foi designado para uma secretaria em Angola em 1782, chegando em Benguela em 1783, partindo para Luanda e depois para Cabinda na área do rio Dande. Entre 1785 e 1787 Silva explorou o interior e o sudeste de Angola na pesquisa do rio Cunene (SIMON, 1983, p. 80 e 81). A função de Silva seria a de recolher preparar e remeter exemplares de História Natural conforme a Academia de Ciência de Lisboa. Ele teria feito quatro expedições: a primeira em 1784 à Cabinda e ao rio Dande; a segunda também em 1784 à Massangano; a terceira entre 1785 e 1787 à Benguela e a Cabo Negro; e a quarta e última, em 1787, em Serra na região de Luanda. (RODRIGUES, 2016, p.340).

Findando a expedição voltou para administração em Luanda e posteriormente foi designado para o presídio em Ambaca. Adquiriu família em Luanda, sendo recolocado em uma secretaria de governo em Angola. Silva teria abraçado o posto no governo de Angola até a sua morte. O governador de Angola na ocasião de Joaquim José da Silva, José Gonçalo da Câmara, fazia o esforço para cumprir a coleta de espécimes para Lisboa e fiscalizava a atuação dos naturalistas. Em 1784 Silva reportava a ministro Martinho de Melo e Castro o envio de espécimes para o Museu de História Natural do Palácio da Ajuda com amostras de ferro de Cabinda e depósitos de asfalto no Dande. Nos envios haviam também flora, fauna, chifres, quadrúpedes, cabras e 27

espécies de herbário. Os espécimes foram coletados na África centro-ocidental na Gambia e nordeste de Angola (SIMON, 1983, p.81-85).

De acordo com Simon (1983) e Rodrigues (2016) a descrição e os apontamentos investigativos de Silva foram baseados nos parâmetros de Linneau e as regiões por onde passaram as expedições eram marcadas por falta de alimentos, água e doenças, que atrapalhavam as expedições. Tanto que, em 1784 os dois membros da companhia de Joaquim José da Silva acabaram morrendo, pois eram constantes as doenças como as febres, sezões ou febres intermitentes. Muitos dos esforços de Silva estavam voltados para superar a barreira das doenças. As enfermidades eram um obstáculo tão grande, que em 1785, Silva não havia embarcado espécimes porque estava convalescente de febres, que havia adquirido em Massangano. Apesar de ter pedido para sair de Angola e voltar para o Rio de Janeiro, o seu pedido não teria sido aceito. Em 1789 Silva teria ficado por mais seis anos em Angola permanecendo no real serviço atendendo a atividade naturalista preparando envios para o Museu da Ajuda. De 1790 a 1798 assumiu o cargo de capitão mor em Massangano, sendo transferido para Ambaca em 1794. Na década de 1790, Silva abraçou postos administrativos em Luanda e em Ambaca. E em 1802 foi recolocado como Secretário de Governo em Angola, ainda atuando como naturalista enviando espécimes para Lisboa. Silva foi classificado como um importante funcionário e cientista a serviço de Portugal. (SIMON, 1983, p.87,88, 92, 94 e 101).

Assim como Domingues (2001), Abreu (2007), Raj (2009), Rodrigues (2016) reconhece que a ciência ilustrada do último quartel do século XVIII atuou nos domínios portugueses. Acreditando também, como acredita esta pesquisa, que em Angola administradores cientistas por meio do conhecimento prático exploraram o território e esses profissionais naturalistas, médicos, militares entre outros, tornaram-se evidencia de circulação de saberes no Atlântico. Admitindo que homens de ciência visavam saberes africanos para serem transportados para Europa.

Dessa forma, Joaquim José da Silva contribuiu para a difusão de saberes de cura africanas, tanto que algumas plantas prospectadas por ele como o *embondo* poderia ser observada nos textos do primeiro professor e físico-mor da 1ª Escola Médica de Angola.

A referência da planta prospectada por Joaquim José da Silva ocorreu no ano de 1793, quando o governador de Angola, Manoel de Almeida Vasconcelos, enviou um ofício a Martinho de Melo e Castro, onde enumerava os produtos, coletados pelo referido viajante, para o gabinete de História Natural em Lisboa. Segundo Vasconcelos:

[...] Aproveitando a favorável ocasião faço embarcar na fragata Minerva, um caixão com um jacaré apanhado no rio Dande, acondicionando com dificuldades outras espécies respectivas a História Natural, e da produção e uso deste país. Na forma que declara a relação junta, e tendo se nessa coleção empregado Joaquim José da Silva. Me roga implorar a benignidade de vossa excelência em seu benefício [...] podendo eu atestar da sua conduta e bom comportamento [...] Relação dos produtos naturais que pela Secretaria de Estado da Repartição do Ultramar vão remetidos ao Real Gabinete da Ajuda, na real fragata Minerva, em cumprimento das reais ordens de sua majestade, em fevereiro de 1793. Um caixão em que se contém o seguinte: um jacaré chamado no país Ngando, uma pele de tatu, duas pontas do espadarte, um dente inciso de cavalo marinho do rio cubo, diferentes pedaços de ossos de peixe [...] vinte diferentes [...] espécies de conchas, quatro pedaços de pão Quicongo, espécie de sândalo, creta metálica [...] uma lata com petróleo negro [...] raiz de Mututo, havida por medicinal [...] dois pedaços do pão chamado Quissecoa [...], uma lata com uma espécie de goma copal [...] uma lata com pó de uma erva que se podia chamar Embundo [sic] (SILVA, 1793, P. 69 e 70 verso).

Azeredo, professor da 1ª Escola Médica de Angola de 1791, também registrava as utilidades do embondo. Conforme o físico:

[...] Atendendo ao uso e utilidade com que as arvores se prestam aos colonos e habitantes da conquista, podemos com maior excesso insistir pela conservação e ainda animar a sua multiplicação: por quanto achamos dos poucos e destroçados Embondeiros [...] a sua mesma casca cobre a desnudez do industrioso quissama, e do pobre escravo que não duvida resistir a fome, e ao escorbuto, comendo a poupa farinácea, que dentro da sua siliqua [...] conserva sempre fresca a semente (AZEREDO, 1799, p. 42 e 43).

Tanto para viajante Joaquim José da Silva, quanto para o físico-mor e professor da Escola Médica de 1791 as plantas africanas eram saberes úteis para alimentar a rede portuguesa.

Ainda dentro da ideia de Raj (2009), referente a atores sociais intermediários entre as culturas, que possibilitam a formação de conhecimento novo fora da Europa, é imprescindível falar do professor da 1ª Escola Médica de Angola de 1791, José Pinto de Azeredo. Esse ator social foi um importante propulsor da circulação dos saberes

africanos de cura, além de reelaborar conhecimento novo na referida escola. Tanto Oliveira (2013, p.153, 154,167,169 e 172), quanto Costa (2014, p. 258 e 260) Abrunhosa (2014, p. 282) e Barradas (2014, p. 293) concordam que Azeredo, natural do Rio de Janeiro iniciou seus estudos em Edimburgo em 1786 e 1787, ingressou para Universidade de Leiden em 1788, se tornou físico-mor de Luanda em 1789 e professor de Filosofia Racional e Medicina em Angola entre 1791 e 1797 na mencionada escola médica. Com o fim da Escola Médica de Angola de 1791, Azeredo tornou-se médico do Real Hospital Militar de Lisboa, em Xabregas, no ano de 1801, e posteriormente foi feito médico da Real Câmara e da Família Real em 1806, quando volta para o Brasil em 1807.

Tanto Costa (2014) como Abrunhosa (2014), especulam que a primeira Escola Médica de Angola de 1791 funcionava no Hospital da Misericórdia de Luanda. As funções do José Pinto de Azeredo incluíam lecionar medicina, preparando o material para os seus alunos, exercer a medicina atendendo as tropas e o restante da população, interagindo com o cirurgião-mor, o boticário e outros agentes envolvidos em sua rede de atuação. O perfil de José Pinto de Azeredo era o de descritor, cientista, médico e pedagogo. No material que ele teria produzido para seus alunos durante os seis anos e oito meses da mencionada escola, tentava buscar sentido e dar unidade morfo-funcional ao corpo, questionando tudo ao redor de seus olhos, como a linfologia, as vesículas biliares, a anatomopatologia, a descrição de órgãos, de tecidos, de ossos e nervos. Azeredo retira-se de Angola por causa de grave enfermidade (ABRUNHOSA, 2014, p. 281 e 282).

É possível observar na trajetória de José Pinto de Azeredo, nos textos que produziu em atuação na referida escola, e em Portugal, já médico do Hospital Militar em Xabregas em 1801, as ideias africanas de cura que foram úteis e que circularam e alimentaram a rede de Informações do Império Ultramarino português.

No que se refere ao manual que produziu para a Escola Médica de 1791, Marques (2014) evidencia as práticas e técnicas de Azeredo, observando-o como um cientista em Angola. José Pinto de Azeredo poderia ser classificado como um médico, um químico e um anatomista. Ele usava a anatomia médico-filosófica por meio de uma

visão de medicina barroco-iluminista. As glândulas foram analisadas a partir dos paradigmas das máquinas ou autômatos dos séculos XVII e XVIII. Azeredo atuava em um mundo marcado pelo mecanicismo, pelo vitalismo e pelo organicismo. Referindo-se ao “*Tratado Anatômico dos ossos e vasos linfáticos e glândulas*”, texto produzido para a primeira escola Médica de Angola de 1791, Azeredo se comportava como médico e químico e pendia para o anti-vitalismo. Era ao mesmo tempo fisicalista, mecanicista e materialista. Sendo observado como um físico que se encontrava na passagem da empiria clínica para a objetividade experimental. José Pinto de Azeredo combinava os problemas de função química e física para além da dificuldade médica experimental (MARQUES, 2014, p. 317,319, 339, 353 e 357). Azeredo também é classificado como um autor culto, rigoroso, conhecedor das ciências médicas do seu tempo, que fazia uma espécie de jogo de “cabra-cega” dos fatos, mas muito apropriados para os setecentos (ABRUNHOSA, 2014, p.290 e 291).

Nota-se que os autores, acima citados, reconhecem o esforço científico realizado nas possessões ultramarinas do último quarteto do século XVIII e início do XIX. Esses intermediários entre as culturas puderam gerar conhecimento novo através do contato com as novas localidades. Isto porque, pelo viés da corrente interpretativa da nova História das Ciências Global e Transcontinental é possível entender a atividade científica através de um novo olhar. A ciência passa a ser compreendida como uma complexa relação com a sociedade, com o Estado e a economia. A partir dessa nova perspectiva, a ciência vai além da produção do conhecimento específico e passa a englobar instrumentos, técnicas, serviços, que envolvem esse conhecimento. O local de produção de ciência deixa de ser fixo e passa a ter origem no espaço global desde o início da modernidade, no contexto da expansão europeia. (RAJ, 2007, p.10).

O que mais nos interessa na produção textual de Azeredo, para este artigo, é o fato da reelaboração de conhecimentos que ele realiza a partir de conhecimentos locais africanos. Chegou a ser comparado como um “*anatomista que não se afasta do Xamã*” por estar em um período de transição, fazendo ciência em Luanda por prova experimental, permitindo com que os conhecimentos europeus entrassem, mas sem deixar a natureza sair. (MARQUES, 2014, p. 371,372).

Destaca-se a reelaboração de conhecimentos de Azeredo, tanto das propriedades químicas quanto ao uso da natureza. Ele gerou novos saberes para enfrentar as mortais febres de Angola, que foram usados no Brasil, em Portugal e outras partes do mundo.

José Pinto de Azeredo reelaborava conhecimentos referentes às febres intermitentes de Angola em 1799. Por meio da experimentação desenvolvia o novo método usando o arsênico branco, a noz vômica e a casca de coco. Conforme Azeredo:

[...] Há muito tempo vivia eu persuadido que as febres terçãs e quartãs se não curam com quina, ou ao menos que elas resistem por meses a sua virtude. Também a experiência me fazia ver, que elas igualmente zombavam da noz vômica; e do arsênico branco. Estes desenganos me obrigaram a por em prática infinitos remédios [...] A experiência já tem sido feita por outros, a quem comuniquei a sua virtude, e eles acham os mesmos felizes efeitos. Já posso assegurar que tendo eu, a noz vômica, o arsênico branco, a casa de coco e os evacuantes, não temo intermitentes e dispense a mesma quina por muitas vezes. (AZEREDO, 1799, P. 64, 91 e 92).

O saber reelaborado de Azeredo se deu conforme o aprendizado que adquiriu como físico-mor e professor da 1ª Escola Médica de Angola 1791. Esse conhecimento viajou até a América portuguesa e chegou ao Rio de Janeiro, sendo usado pelo médico Francisco Xavier Sigaud<sup>1</sup>. Conforme Sigaud:

Os práticos da Bahia constataram a eficácia médica do arsênico no tratamento das febres intermitentes. O doutor Persiani que exerceu vários anos nesta cidade o empregou com sucesso tanto nas pirexias periódicas quanto nas afecções nervosas do peito. Este agente terapêutico de que o sr. Doutor Boudin, médico dos hospitais da Argélia, mostrou a poderosa eficácia médica[...] o doutor Azeredo Pinto diz em sua obra: “Fui obrigado a recorrer a outros remédios além da quina, na falta desta última, e encontrei no arsênico branco um poderoso antídoto para as febres intermitentes [...] o mesmo prático introduziu no Brasil o seu método curativo, que tinha experimentado com sucesso em São Paulo de Luanda. É a ele que se deve o tratamento seguinte[...]Administra-se a seguinte decoção na dose de uma xícara de chá três vezes por dia: casca de palmeira pisada, dez onças; água pura, quatro libras; ferver até reduzir à metade; escorrer em seguida. Dá-se o mesmo tempo a noz-vômica em pílulas[..]associar um amargo, como a genciana; começa-se com três pílulas de dois grãos cada[...] se a febre persistir, passar ao emprego do arsênico...(SIGAUD, 1844, p. 187 e 188).

---

<sup>1</sup> José Francisco Xavier Sigaud, médico francês radicado no Rio de Janeiro, que produziu a obra “*Do clima e das doenças do Brasil e estatística médica deste Império*” (1844).

No Hospital Militar em Xabregas em Portugal, fez referências à *calumba*, planta africana importante para o combate às febres, usada no lugar da quina. Conforme Azeredo:

“ Calumba é um gênero desconhecido a sua raiz é um fortíssimo amargo. Tem sido pouco uso, mas ela promete ser um fortíssimo tônico próprio para as febres intermitentes. Dela tenho usado nas mesmas febres suprindo a quina com bom sucesso ...(AZEREDO, 1801, P. 16 VERSO).

A calumba, citada na obra de Azeredo, *Textos de química*, de 1801 pode ser observada como um saber africano, fruto da circulação por meio de rotas escravistas. A raiz de calumba era uma produção do território moçambicano. Ela havia circulado nos portos do Índico e teria ido para a Europa despertando o interesse de muitos cientistas europeus. Desde o século XVII era conhecida em Portugal. Foi incorporada pela matéria médica após a recomendação de Thomas Percival<sup>2</sup>, colocando-a como poderoso antiemético. Acabou sendo estudada por Lamark em 1797, tornando-se um simplices<sup>3</sup> importante no século XIX (RODRIGUES, 2016, p. 381).

É importante destacar, que a localização da Primeira Escola Médica de Angola de 1791 na rede escravista, acabava por facilitar o circular dos saberes. Os portos marcados pelo comércio de escravos, que movimentavam muitas pessoas, informações, mercadorias e doenças, com a atuação de intermediários, como traficantes de escravos, barbeiros, sangradores, permitiu com que os saberes dentro dos negreiros, de cativos de diversas nações africanas, fossem partilhados. Esse conhecimento especializado era de extrema utilidade para os portugueses, pois a região era marcada pela insalubridade, pela falta de alimentos e chuvas, pelos constantes ataques e instabilidades políticas de reinos africanos inimigos e pela dificuldade de abastecimento das boticas. A questão do trato das doenças era um saber crucial para alimentar a rede de informações portuguesa

---

<sup>2</sup> Médico britânico que constituiu o primeiro código de ética médica moderno chamado de “Medical Ethics” de 1803. Um trabalho de transição entre a hegemonia da normativa hipocrática para exigências de uma medicina profissionalizada.

Disponível em <[http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista\\_bioetica/article/download/145/150](http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/download/145/150). > Acessado em 5.fev. 2019.

<sup>3</sup> Drogas que entram na composição dos remédios.

a respeito da faixa Congo-Angola. Atuar como profissional intermediário nessas regiões de encontro das culturas era muitas vezes sinônimo de óbito, tanto que era considerado um local de degredo.

A circulação das informações sobre plantas e textos não dependiam apenas dos administradores portugueses. Isto porque havia rotas comerciais existentes séculos antes, que também permitiram o viajar da História Natural e das tão desejadas plantas medicinais africanas. (KANANOJA, 2015, p. 3, 6,7 e 8) (RODRIGUES, 2016, p. 381). Abrunhosa (2014, p. 289) reconhece o desafio enfrentado por Azeredo, que saiu da Europa para uma Luanda doentia para se submeter ao projeto português, médico-científico em um local de entreposto de exportação de escravos. Luanda, naquele momento colocava-se como uma grande porta de saída de escravos para o Rio de Janeiro, sendo o local mais importante no registro de fluxo de cativos entre 1790 e 1830 (FLORENTINO, 2014, p. 13). As rotas de comércio favoreciam as trocas de saberes e cirurgiões, práticos de medicina entre outros profissionais se movimentaram pelo Mundo Atlântico do último quarteto do século XVIII e início do XIX atuando no comércio de escravos e no trato de doenças dos cativos. Esses profissionais atuavam com saberes adquiridos durante as suas variadas funções, saberes da natureza e tratamento das doenças (WISSENBACH, 2009, p. 281).

Como exemplo de circulação de saberes de cura africana no Brasil, Portugal e África podemos identificar o barbeiro Luís Gomes Ferreira no Brasil com o uso da fruta *pepe* em meados do século XVIII. Identificamos também, o próprio Azeredo com o uso de outra planta denominada *quassia* no Hospital Militar em Portugal e com o uso da *cola* em Luanda.

Segundo Luís Gomes Ferreira<sup>4</sup> a fruta *pepe* de origem angolana era importante para tratar os defluxos do peito na região das Minas Gerais. Segundo Ferreira:

Flor de laranja azeda, raízes de malvas com algumas folhas... raiz de manjeriço, raiz de arruda e raiz de alfavaca; de cada coisa uma mão cheia, deite –se tudo em panela nova vidrada, na qual se lançarão duas libras de

---

<sup>4</sup> Luís Gomes Ferreira, foi o cirurgião barbeiro que atuou como cirurgião nos navios portugueses, chegando ao Brasil em 1707, morou na Bahia e depois foi atraído para a região de Minas Gerais na busca pelo enriquecimento como o ouro, mas acabou atuando na arte da cura. A trajetória desse profissional da arte médica resultou na publicação do “Erário Mineral” de 1734.

água comum e uma de vinagre branco,... ponha a ferver até diminuir metade... e coe... e nele se lançaram duas frutas reladas por nome pepes que vêm de Angola e não faltam na Bahia, e os angolistas costumam trazer... Esta é a primeira água; a segunda é a seguinte: Ajuntem urina de meninos de idade de três ou de quatro anos, ate que façam duas libras, e se deite em panela nova vidrada... se lhe lançará dentro uma mão cheia de raízes de malvas e algumas folhas; tudo bem lavado e pisado, se ponha a ferver até gastar a metade... Em uma vasilha de cobre... se deitaram duas colheres do remédio de urina, e da outra água uma colher; ...estando o doente de costas, se mandará esfregar com esta água desde o pescoço até o fim das costelas por todo peito... De nenhum modo se pode fazer este remédio sem as frutas de Angola... e só se poderão alcançar por via de algum homem que tenha correspondência no dito Reino de Angola, para que as mande vir, ou procurarem no portos de mar, como na Bahia...que trazem as embarcações... as quais vêm com outras coisas medicinais...(FERREIRA, 1735, P.556-558).

Azeredo de volta a Portugal e como físico-mor no Hospital de Xabregas também referia-se a *quassia*, uma planta medicinal comumente usada pelo escravos. Segundo o físico-mor: “*quassia foi muito usada nas febres fatais de Suriname com feliz sucesso. A também amarga e tônica como a calumba...*” (AZEREDO, 1801, p. 16 verso e 25 verso).

Em Angola Azeredo ainda experimentava outras espécies vegetais comuns aos nativos como a cola: Conforme Azeredo:

A Cola é um fruto sólido e amargo, de que fazem contínuo uso todos os habitantes, mascando todas as vezes que querem beber água, para que ela fique doce e saborosa, como sucede com quase todos os amargos. Ela, contudo facilita de algum modo a digestão [...] e nas companhias se oferecem em pedaços [...] com a mesma galanteria com que entre nós se apresenta o rapé (AZEREDO, 1799, p. 46).

### **Conclusão:**

Enfim, atores sociais como José Pinto de Azeredo e Joaquim José da Silva contribuíram para que os saberes de cura africana circulassem no último quarteto do século XVIII e princípios do XIX. Plantas medicinais de origem africana como a *Calumba*, a *Quassia*, o *Embondo*, o *Pepe* e a *Cola* viajaram para América portuguesa, Portugal, países da Europa como a Inglaterra e outras regiões da África como a Argélia. Sendo consideradas de primordial utilidade, essas plantas ajudaram alimentar a rede de informações do Império Ultramarino português dentro do raio de atuação da 1ª Escola

Médica de Angola de 1791, que produzia ciência conforme os parâmetros do final do século XVIII.

**Referencias bibliográficas:**

ABREU, Jean Luiz Neves. A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das luzes e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14n. 3, jul- set 2007.p. 761-778.

ABRUNHOSA, Rui. Um debruço sobre o Tratado Anatômico de José Pinto de Azeredo. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791*. Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 279- 293.

AZEREDO, José Pinto de. *Ensaio sobre algumas enfermidades D'Angola*. Lisboa: Régia Oficina de Tipografia. 1799. *Biblioteca Nacional*.

AZEREDO, José Pinto de. *Textos de química e botânica*, [ c a.1801]. Códice 8484. Disponível em: < <http://purl.pt/index/geral/aut/pt/152878.html>>. Acessado em 4 ago.2016.

BARRADAS, Joaquim. Os vasos absorventes no Tratado de José Pinto de Azeredo. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791*. Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 293-311.

COSTA, Júlio Manuel. Breve escólio do tratado anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas de José Pinto de Azeredo. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791*. Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 277-279.

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no império português em finais dos setecentos. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.8, Supl. 2001. pp. 823-838.

FERREIRA, Luís Gomes. *Erário mineral*. Organização Júnia Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudo Históricas e culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 821, 2v il. (coleção mineriana, série clássicos).Publicado em 1735 em Lisboa Ocidental na oficina de Manoel Rodrigues, documento dividido em 12 tratados.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas Negras: Uma história do tráfico negreiro de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

- KANANOJA, Kalle. Bioprospecting and European uses of African natural medicine in early modern Angola. *Portuguese Studies Review and Baywolf Press*, University of Helsinki, 23 (2) 2015, pp. 1-25.
- Livro de cartas de ofício enviadas para a Corte por Manuel de Almeida e Vasconcelos, governador e capitão general do reino de Angola e suas conquistas*. São Paulo de Assunção de Luanda. 1790 – 1797. Códice 4-A-1-4 (Arquivo Nacional Histórico de Angola) 457 fotogramas PADAB DVD11, 28.
- MARQUES, Manuel Silvério. A bolota e a madre pérola: Imagens e operações na tessitura das glândulas. In: *Azeredo, José Pinto. Tratado Anatômico dos ossos, vasos linfáticos e glândulas. Antecedido da oração da sapiência feita e recitada no dia 11 de Setembro de 1791*. Lisboa: Edição Júlio Costa, 2014, pp. 311-381.
- OLIVEIRA, Antônio Braz de. “Do Rio a Lisboa, passando a Luanda: a chegar para uma bibliografia de José Pinto de Azeredo”. In: OLIVEIRA, Antônio Braz de et al. (org.). *Ensaio sobre algumas enfermidades de Angola*. Lisboa, Portugal: Edições Colibri, 2013. pp. 153-187.
- RAJ, Kapil. Introduction. In: RAJ, Kapil. *Relocating modern science: circulation and construction of knowledge in South Ásia and Europe, 1650-1900*, London: Palgrave Macmillan, 2007, pp. 1-26.
- RAJ, Kapil. Mapping Knowledge Go-between in Calcutta, 1770-1820. In: SCHAFFER, Simon; ROBERT, Lisa; RAJ, Kapil; DELBURGO, James (Orgs.). *The brokered world: Go-betweens and global intelligence 1770-1820*. Sagamore Beach: Watson Publishing International LLC, 2009, pp.105-193.
- RODRIGUES, Eugênia. Angola no século XVIII, atores, redes e saberes. In: PEREIRA, Magnus Roberto de Melo; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho (orgs.). *Os naturalistas do Império: o conhecimento científico de Portugal e suas colônias (1768-1822)*. Rio de Janeiro: Versal 2016, pp. 333-387.
- SIGAUD, J.F.X. *Do clima e das doenças do Brasil ou estatística medica deste império 1844*; Tradução de Renato Aguiar. Coleção História e Saúde; clássicos e fontes. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.
- SIMON, Willian Joel. Joaquim José da Silva, naturalist and secretary of government in Angola: 1783-1808. In:-----*.Scientific Expeditions in the portuguese oversea territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intelectual scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de investigação científica tropical, 1983, pp. 79-104.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgiões e mercados nas dinâmicas do comércio Atlântico de escravos (séculos XVIII e XIX). In Souza, Laura Mello et all (org.) *O governo dos povos*. São Paulo: Alameda, 2009. pp. 281-300.